



## pingos nos li

## pontos de vista

agosto comte

(conclusão da pág. 1)

Agradecendo as considerações que nos foram feitas, publicamos abaixo a carta que nos enviou o professor Roberto Accioli, nosso prezado mestre e segundo a expressão na sua modestia, nosso colega.

El-la

Meus queridos colegas do "Vetor"

Vocês não podiam ler lidoado mais de perto meu corrigido com a sibilidade e admirável nota "pingos nos li"

Neste século de covardia moral, física e intelectual que heia lido vocês deram nos inofensivos decréscis do valor da mocidade brasileira!

Como soberbaram reconhecer os inítils de todos os atos e principalmente no terreno da instrução do daquele mestre "um dos mais lindos representantes dos homens de caráter!"

Dirigindo um órgão do estudante, pelo estudante, e para o estudante, vocês dão logo em o seu primeiro numero uma demonstração clara de quereiam cumprir o programa fixado

Com desassombro palestraram que essa mocidade radiosa sabe discernir com clareza as ações dignas que procuram elevá-la, apertelod-la e premiá-la, patulando os seus atos pela mais ostenta noção de justiça, porque os verdadeiros estudantes repõem a benevolência escandalosa e o relaxamento inibido

Melhor balsamo para suas dores físicas, que no momento supporta, para não falar á palavra dada, não poderia ter encontrado o lustrante neste desta tradicional casa, e ao grilo de revolta, que sempre fez ouvir em defesa dos interesses educacionais, é-lhe grato substill-lo pelo agradecimento que, "ex lino corde", lhes dirige por meu intermédio

Continuem pois a trilhar por caminho que, al esperto, absolutamente necessário, parti, de fato redimir nosso Brasil!

A certeza do dever bem cumprido aliado ao cabedal notável de um curso secundario bem feito servir-lhe-a, como já lhes serve, de demagistrando inconfundível de superlidade

Contem sempre com o apoio e gratidão do colega que muito os estima e admira

Rio 24 de Julho de 1934

Os homens ainda não quizeram compreender que todos os credos são bons. E' uma questão de ponto de vista, mas ninguém se convence disso. Compreendessem eles essa realidade e nós não veríamos, por toda parte, fanáticos das mais variadas espécies. Como poderemos explicar que, em materia de doutrina religiosa, coexistam, um cá, lido fervoroso e um ateu que não recite um passo das suas afirmações? Com que autoridade os sábios ou por outra, um sábio discorda de outros tantos sábios senão com o da sua opinião do seu ponto de vista?

Como poderemos explicar, em se tratando de doutrina politica, a existência "a la fois" de nazistas, comunistas, fascistas, integristas, monarchistas e republicanos?

Estarão todos certos, ou não haverá uma sola politica que satisfaga as exigências da sociedade actual? Eu mesmo não poderei responder. Não poderei, reptilo, porque tudo depende do ponto de vista porque encetemos as colinas. Haja visto o que se passa actualmente com o nazismo. Se se perguntasse, ha um ano passado, a alguém, as suas condições, só poderíamos, como resposta, voltar a apologia de Hitler como o líder do moderno de que a Alemanha carecia. Hoje, entretanto, esse mesmo alguém nos dita do autêntico fracasso que ele é. Talvez o mesmo aconteça mais tarde com o fascismo na Italia ou o comunismo na Russia, mas a verdade é que, actualmente, ninguém lhes poderá prever uma derrocada semelhante á do nazismo porquanto ainda permanecem de pé como inconteste afirmativa de que vençeram.

Se transportarmos o caso para o Brasil, nos depararemos com um quadro semelhante.

Quando, em 980, se fez a famosa revolução que mudou o cenário politico do Brasil, ninguém poderia imaginar que os supostos reivindicadores que, entem, valendo-se da poetica concepção de patriotismo, percorriam, de noite a suu, todas as provincias brasileiras anunciando um futuro proximo de paz e felicidade, fossem os mesmos que, hoje, negando todas as afirmativas que eram a directriz básica da Revolução de 30, se assentobrassem do poder para, com os mesmos direitos dos politicos decaídos, pôs que incurrer no mesmo erro que eles próprios julgaram imperdoavel, continuar a sua politica que não correspondia nem de leve ao que se propuzeram realizar.

E outras doutrinas irão nascerdo com lém nascido muitas. Outros nomes virão para as mesmas, porque todas promovem a unidade reitviva do homem na sociedade, todas proclamam uma felicidade ideal, mas impossível nos moldes da sociedade moderna.

E outros homens irão nascerdo. Outros nomes virão substituir os actuais parti, mais tarde, incorrerem nos mesmos erros, nos mesmos vícios e decalrem.

E nova revolução virá. Novo regime aparecerá com os mesmos principios disfarçados, com os mesmos sofrimas, com as mesmas promessas de um Brasil novo, forte, feliz, coeso.

E os homens do futuro cairão como caíram os de ontem, e cadem os de hoje.

E o povo descreverá como hoje descre.

\* \* \*

Estes dados, que infelizmente são os que a História nos pôde fornecer para uma análise imparcial dos factos, concretizam esta verdade: todos os regimens pôdem ser bons, todos pôdem ser o regimen ideal. O que falta, como complemento para a victoria dessas doutrinas, são homens capazes de trazê-las da mente para os terrenos estereis da realidade.

E esses homens serão para sempre hipotéticos como o são essas doutrinas.

Serão sempre os fantoches, os parasitas da sociedade; serão sempre os artistas que descobrem e definham um papel na humanidade para representá-lo, se possível, até á morte. Digo, se possível, porque nem sempre as coisas são como se quer. Acontece que, ás vezes, quando não lhes interessa mais uma máscara, eles veem outra. Ainda ha pouco vimos quem incarnava um dilatador, desmascarar-se e mostrar, despidose da hipocrisia, o que de fato ha no seu íntimo: transformou-se em tirano.

E a mentira ha de predominar sempre!

Se, entem, os revolucionarios apreçoavam um Brasil diferente e feliz, é porque precisavam da opinião publica e, para conseguí-la, era preciso interessar tambem a esse povo que lhes la julgar.

E eles prometeram.

O tempo passou e as coisas mudaram. Agora eles não são mais os que prometeram nem cumpriram o que apreçoavam.

vel filósofo francês pôde resumir-lhe a história, pronunciado estas memoráveis palavras: "Primeiramente expugnava, depois inspira, em seguida revolta, a religião torna-se finalmente demonstrada". De lito, ponto de lido as concepções tomportaria e lombo, era mitológica, era associando-se á realidade, o diocpulo predilho de Saint-Simon, reconhecem finalmente que seu deitico constante foi e será o da unidade da nossa espécie, individual pela ponderância do amor e colectiva pela fé comum.

O primeiro elemento de unho que decorre do principal elemento da existência humana, foi sempre o mesmo: o amor.

O segundo viriou necessariamente com a revolução do pensamento: a fé; tornando-se finalmente positiva pelo aprendendo final da realidade.

Incapelavava durante a sua evolução, os diversos sistemas religiosos quebravam a continuidade histórica, maltrazendo o passado e realizando a unidade colectiva parcialmente, pelo seu caráter local e temporário. A solução positiva e final do problema religioso, afastando completamente a teologia e a metafísica, fixa-se pelo conhecimento científico do mundo e do homem moral e social. Ela restituece necessariamente a continuidade histórica pela própria evolução e torna-se universal e indefinida porque assenta sobre as leis imutáveis que regem o mundo e a humanidade.

Estas poucas palavras mostram claramente que por mais brilhante que se torce a figura de Augusto Comte, apreciada por aqueles que não foram sair dos limites estreitados de sua ciência, é inartificial e ridiculamente parca! Ele só pôde ser devidamente apreciado, como solucionador moderno e realizador do problema posto pelos enciclopedistas do século XVIII, não muito mais ampliado porque esse próprio problema, tal qual se obtiveram aqueles grandes entes, não tinha a extensão que convém á transformação moderna.

Para se apreciar comparativamente a personalidade de Augusto Comte com a dos grandes genios do passado humano, seria melhor trazer Aristóteles e St. Paulo e a Frederico de Prussia para se ter a episcota ligada á religião e á politica, formando um todo harmonioso, todavia, aplicando á situação moderna

(conclue na pág. 9)

eliza marina (do l. e.)

**divagando...**

Um bandolim sozinha no longe uma arla de amor e eu shito uma saudade muito grande dum tempo que não vivi, do tempo em que os bandolins eram dedilhados por trovadores errantes, cantando para passatempo das damas cujo senhor havia partido para a cruzada. E veio na minha imaginação uma dama loura, toda de branco, numa varanda coberta de trepadeiras e batida pelo luar; sob a varanda o pequeno trovador moreno, quieto e triste, cantando para si mesmo, e o tempo passou pelo sol nas suas longas peregrinações; canta, no som dos acordes do bandolim, uma canção triste como todas as canções de amor. Mas a dama não o ouve: ela tem os olhos firos no horizonte onde desaparecerá muito tempo antes o seu esposo e senhor que partira para a cruzada e que voltaria um dia coberto de glórias, ou não voltaria nunca! E ela estremece a cada nupem de pó que se levanta, pensando que talvez seja o seu amado senhor que regressa, mas a nuvem se desfaz e ele não chega. Quantas noites tem a lida senhora, passado assim, ouvindo os soluços do jovem trovador!

E ela recorda o torrielo em que conheceu aquele que agora tão ardentemente espera: ele era ainda moço e desconhecido e ia se bater com o mais valente, o mais destro do reino! Ela lembra ainda a angustia que sentiu no vê-lo entrar na lida rodeado de negro, com um sorriso nos lábios ainda quasi de criança, para morrer talvez. Mas ele venceu e depôs-lara a selva e a lança purida do adversário.

A loura dama sorri, e o trovador, a quem aquele sorriso tornara audacioso, galga de um salto a varanda enlaçada e se dirige para ela que não ousa fazer o menor movimento. Ouve-se então o tropel de um cavalo — é o senhor que volta vitorioso da cruzada e ao vê-lo enlaçados, ele, o heroe que a tantos perigos havia fello frente, não resiste a dor desta desluzão e a sua lança atravessa o peito de mais um bravo.

E enquanto o trovador continua a sua vida errante, a bela senhora, que se reveste agora de preto, espera, todas as noites, na varanda de seu castelo de torres imponentes, que seu senhor a venha buscar. Cala-se o bandolim e desaparece a mágica visão.

Volto então ao presente, o presente do arranha-céu, do aeroplano, do rádio, da televisão, o presente em que não mais existem trovadores que passam cantando a vida toda, cavaleiros que se batem pelo seu rei e pela sua dama, e brancas senhoras que esperam, na varanda de seus castelos, os senhores ausentes. Tudo isto pertence agora ao passado, a um passado tão belo quanto distante em que o sentimento domina a razão, em que a fé domina o raciocínio!

h e l i o c a r l o s (do c. p. 11)

**brincando na sombra...**

De manhã e sem meias, jorream e riuge madame faz as compras no quilandeiro expatriado por diáspora e aventuroso por fome:

— *Quero pepito Bem batido é muito*

O homem cobra caro. *Madame* não tem mais dinheiro e se zanga. Grita com o pobre estrangeiro que os garotos batistram por *Lé*. Cena movimentada e aberta. O quilandeiro sem direitos de vida e de propriedade é julgado ali mesmo. Em plena cadeia. Entra a cena o fiscal da Prefeitura. Cena de selvageria e deshumanidade. As verduras do quilandeiro enfelam a cadeia, os paralelepípedos.

Gente que não aplaude. Gente que aplaude. E *madame* pensa que está com a razão.



— *Esses estrangeiros são uns ladrões e querem roubar a gente todo a dia*

Ainda bem

Mais adiante. Cena em que Freud molou o dedo

O calxezinho foi levar as compras que dona Chiquinha pediu pelo telefone.

Segundo andar.

Mas dona Chiquinha vem receber na intimidade o lusitaninho.

Resultado: O calxezinho tropeça e cai napoleonicamente entelando os degrados da escada com batatas, feijões, manteiga e banha.

Dona Chiquinha gargalhou alto e forte. Houve uma metamorfose: O calxezinho se petrificou diante de tal espetáculo.

Tarde para se ir a Avenida.

irene de albuquerque (do l. e.)

**dignidade**

— Você foi imprudente! Ele podia demitilo.

— Que me importaria perder o emprego se era para salvar a personalidade? Enquanto o homem não perde a personalidade não perde nada de irrecuperavel.

— Mas e a sua familia?

— Eu não seria tão indigno que a alimentasse com servilidade. Demais, eu sei que sou inteligente e tenho alguma cultura. Reconheço-o sem modestia nem vaidade, que são ambas defeitos que não cabem num homem sincero como eu. E com intelligencia e cultura quem não vence na vida?

— E voce naquela ocasião mesmo, não foi?

— Sim, esse homem, como eu te dizia, admira-me porque me odia, odia-me porque me admira. Odeia-me porque ousou contrariar-lo, coisna que ninguém ensalra até aquela época, nem depois. Fello o amor proprio. Mas por isso mesmo, não deixo de causar-lhe assombro, pela coragem que demonstrei; sou aquele que fez o que ninguém faz. Ele trata-me agora com toda gentileza, para dissimular que teme a cada momento a repetição da cena que lhe vive na memoria. Suas ações para comigo nada têm de natural! São estudadas e medidas. Que me importa? Respeita-me. E o quanto basta. Toma o exemplo. Nunca te curves ante os que dispõem de poder, porque não passaras nunca de escravo; procura dominá-los e serás sempre senhor.

Coisa de gente de teatro.

A vida é uma reunião de esqueletos. De pedacinhos de cena, de cinema.

Com musica ou sem musica. Um drama ou uma comédia.

Mas, quasi sempre trágica.

O Uterato;

— Mentira!

A vida é o Inferno. Dante, as esculptas a sua imaginação até nós, com certeza arranjaria um Inferno mais fello para a sua Divina Comédia.

(Mas o que é isto?)

Eu:

Devemos roubar a pena e o Uterato a todos aqueles que pensam estas besteiras. Só assim eles não se esquecerão das mulheres, dos crimes, das piçópias de tanta coisa que ficou de pé sobre a portecaria da Terra e com a cabeça nos domínios do Sombro.

Indiscutivelmente tudo isto está errado. Até eu que não tenho culpa.

## O 1.º fim

matemática di-  
vertida e curiosa

## multiplicação russa

Os antigos camponeses russos atribuem a alguns matemáticos um processo que nada tem de simples mas que não deixa de apresentar uma face curiosa.

Vamos supôr que, movidos por uma desmedida excentricidade, resolvemos aplicar o sistema russo para obter o produto do número 36, pelo número 13.

Escrevemos os dois factores (36 e 13) um ao lado do outro e um pouco afastados:

36	13
----	----

Deferirmos a metade do 1.º e o dobro do 2.º, escrevendo os resultados em baixo dos factores correspondentes:

18	26
----	----

Prócedamos do mesmo modo com os resultados obtidos; isto é, tomemos a metade do 1.º e o dobro do 2.º:

9	52
---	----

Vamos repetir ainda a mesma operação, calculando a metade do número á esquerda e o dobro do do número á direita. Como chegamos a um número impar (que no nosso caso é 9) devemos subtrahir uma unidade e tomar a metade do 2.º:

36	13
18	26
9	52

Reflexo: era um coagulo lençoso de sombra que morria.

Firmo deu alguns passos trêmulos e a agua entorollhou-se-lhe nas pernas, muita fria.

—Que frio!"

E, a tremor, elle andou ainda malta; já as ondas, em sacudidas nervosas, batiam-lhe no peito. Seu corpo trandido bambeava, oscilava. —"Que frio!"

Firmo teve um medo horrivel e parou a soltar:

—"Não vou! Não posso!"

O garoto esgançou, da prala.

—"Ehi! papai, vamos pra casa, o Beneditto já saiu!"

Firmo passou a manga do casaco pelos olhos e veio volando, as ondas empurravam-no, com matos repalões.

—"Vé! o que que o senhor foi fazer?"

—"Fui apunhar um conchinha — Queê! papai?"

—"Não pude apunhar não. Vamos embora."

Canalhavam de mãos dadas. Havia uma porção de lancharinhas azedas, no telo cinçavo do telu.

A agua continuava a chuar, instantaneamente nas rugosidades das pedras.

Firmo parou um instante na calçada e enfiou os tamancos; depois lá se foi, de olhar no chão, firmes do ôs dedos pelo muro.

No Terro do uahna, escachonava ainda a bica d'agua e o vozetto bu-lhento dos tralhadores.

Entardecia. As barras do céu se esbranquiavam; avermelhados rufos de nuvens encarretiravam-se em jalos lequedros.

A vibrado do mar já balancava os galhos apendoados dos tamarrin-dellos.

A espurca, um ronce volumoso e curto de navio.

Os dedos de Firmo riscaram distradamente o ar terminatra o papello.

Agora, era o extenso e rasteiro capinhal que margeava a prala. Off' traco praticado de mar cor-lava o fundo, longe, muito longe minialunas azues de serranhas.

Aqui e acolá, em desalinhamento, as cancholas, pralietras. Nas soleiras suas, a garofada, em cima, a parolar.

Firmo pensou na sua casa e baixou mais os olhos.

—"Ha um aro era aquilo que vergonha! Os vintões já zombavam dele. Todo mundo sabia! Mas ele tambem era culpado. Porque não tinha feito como os outros? O Tomé só por desconfiar dera no primo, ca mulier. E éle porque não mandara o Beneditto? E ele que tinha certeza! Fora um medroso! Devia ter dado uma surra na mulier, aquela. Fora um medroso!"

Quando éle viu, pela primeira vez, o chapéu do Beneditto, na janela da sua casa, ficou com medo de entrar. Fugiu, a tremor, zombando, remoendo vintancas. —"O Beneditto havia de vir! Era láo feli, entraria as escondidas na cozinha para apunhar o facão. Ficou horas esquecidas, imaginando sanhamente os detalhes da luta. Quando o outro saiu éle voltou desfaradamente, encalhado. Malilde a mulier, olhou-o malvada-meante, não dormiu quasi.

No dia seguinte, deixou o trabalho muito cedo; — talves o Beneditto já se tivesse ido embora. Andou todo o caminho soffrego, nervoso. Longe ainda da casa, olhou lá estalva, na janella, o chapéu velho do outro. — Sem vergonha! Canalhasi! Sentiu uma coisa, na garganta, duas lagrimas lam calh-lhes dos olhos. — Canalhasi! Suas passadas afronxavam-se mala, e mala. — Sem vergonha! Derreido, trippeço, encaminhou-se para a prala e lá ficou muito tempo, a chorar perdidamente.

E fora só isso.

Desde esse dia, encontrava-se com o filhinho e ficavam brincando esses momentos.

Firmo lembrou-se do filho, o Joãozinho.

"Coitado! A principio, Inqurita ligeiramente. — Papai, o que Beneditto está fazendo lá em casa? E ele nunca responderá.

Uma vez mandou-o espiar a mãe e fe-lo contar tudo.

Nos primeiros dias, ouviu de carta para o lado, com desatenção fingida, depois habituou-se. Regalava-o aquella curiosidade docenta.

Joãozinho, imitando gestos, a rir ás vezes, la contando tudo; se por acaso, não lembrava uma mi-nucia provavel éle indignava inte-ramente. — Aquillo, aniam. E fazia gestos.

Ha um aro era isso que vergonha!"

Firmo ergueu os olhos vagarosamente. Canalhava, pela prala. Ainda havia sol nas grimpas dos tamarrin-dellos.

Escilhas de vidro, a falsarar bolavam engastadas nas ondas.

— Abençoado, papai!

Firmo olhou tristemente para o filho e não respondeu; atagou-lhe distradamente a cabeçinha fura. Pararam junto ás pedras. O morelo das ondas reboitando firmemente, espurrava-se em lamincas grades, pela areia.

O garoto agachou-se e começou a afundar, ativamente, as mãos nas ondas. Firmo acompanhava o chamado intermitente da agua, escurando nas rugosidades da pedra.

Derrepente, Joãozinho levantou os olhos.

— Papai, vou lá espiar.

E se afastou, correr.

Atalheceza de todo.

Firmo mudou de posição, a remanngar, sem querer, fora perman-do numa porção de cousas.

—"E se éle abandonasse Martilde?" Ella era tão má não gostava dele! Devia ter ido embora, desaparecido, o garoto ficaria com os deus. Assim nunca mais veria nada. Mas éle gostava de vê-tudo. Era um canalha!

—"Si Deus o levasse. Tinha tanta vontade de sumir, de morrer. O unico remédio era matar-se."

Uma facada. Devia ser uma dôr horrivel! Assim éle não tinha coragem! Que que la fazer era-tão?

Ei! Traves não houvesse dôr nenhuma, entrava no mar e iria, sem sentir, cambalhando, andando, cambalhando sempre! Ego olhou. O mar não tinha um

lado do regulado. De 9 tirande 1 fica 8, cuja metade é 4.

E assim procedamos até chegarmos ao termo igual a 1 na columna á esquerda.

Temos, portanto,

36	13
18	26
9	52 (x)
4	104
2	208
1	416 (x)

Somemos os números da columna á direita que correspondem aos números impares da columna á esquerda.

Esses números estão marcados com o sinal (x). Essa soma será:

52+416=468

O resultado assim obtido (468) será o produto do numero 36 por 13.

Experimente, agora, você, melhor, fazer uma multiplicação por esse processo.

(do Interessante Livro, "Matemática divertida e curiosa", de J. C. de Mello e Souza.)

linguagem  
das luvas

Deixar calr uma luva quer dizer. — Sim.

Amarrôlar as luvas com a mão direita. — não.

Medade da luva calcada na mão esquerda. — Indiferença.

Bater no ombro esquerdo com a luva. — segue-me.

Dar com as luvas no quelco. — Já não se amo.

As luvas do avêso. — odelo-te.

Dobrar as luvas com esmero. — deselo falar-te.

Calçar a luva esquerda com o dedo polegar de fora; amas-me?

Deixar calr as duas luvas. — amo-te.

Dar volta as luvas em toda dos dedos. — tem cuidado que nos espiam.

Bater nas mãos com as luvas. — estou Incomodada.

Pegar uma luva em cada mão e abri; os braços. — estou furiosa.

Amarriçar as luvas com ambas as mãos. — foge que al vem papai!

Atrair as luvas ao ar e aparê-las com ambas as mãos. — aproxi-ma-te que estou sozinha.

Morder as luvas. — quando me escreves?

Mostrar ambas as mãos com as luvas calcadas. — vou passar ou fazer velhas.

## o século XX e o materialismo científico

J o r g e d e l i m a

# n o t u r n o

Estamos ainda na primeira metade do século XX e muito grande é a ansiedade do espírito humano pela previsão do seu futuro.

Pessoas ha que profetizam, arbitrariamente, o fim do mundo no nosso século. Terá esta previsão algum valor científico? Seria apenas fruto da superstição, talvez motivada pela perplexidade ante o dinamismo do século actual?

Analizemos os factos.  
O século XX denominado o "Século da electricidade" caracteriza-se pelo formidavel progresso no dominio das ciencias denominadas experimentais.

Surgiu a escola ativa ou funcional cujo movimento coordenador e orientador tem razoes em épocas relativamente longinquas, como tem acontecido, com todas as grandes realizações do espirito humano.

O velho Egipto, como é sabido pela historia da Humanidade, estava, ha alguns milhares de anos antes da era cristã, num relativo grau de adiantamento nas ciencias e nas artes. Falta-se da monumental bibliotéca de Alexandria que fora barbaramente queimada, como a tradicao do florescente pensamento do povo egipcio em época tao atalçada.

Contemplando a simples evolução do nosso planeta nos dias atuais, alguns espiritos, ou pouco atentos as leis imutaveis da ciencia, ou que têm a tendéncia para a metafisica, espiritos sonhadores, poetas iluminados pelo génio do irrealizavel, tremem, têm visões fantásticas — O materialismo brutal procurando arrastar a pobre Humanidade para o crime, para a miséria e para a ruina total.

Quando se fala no materialismo científico dizem logo que é uma doutrina anarquista, que é o credo vernebio procurando aniquilar o mundo, coniprar as consciencias puras, angelicas e immaculadas.  
O materialismo científico é mais velho do que em geral se pensa, porém, poderemos applicar aqui no Brasil o que diz o filósofo W. James:

"Toda doutrina nova atravéssa tres estados. Atacam-na declarando-a absurda; depois admitem que é verdadeira; e evidente mas insignificante. Reconhecem finalmente, sua verdadeira importância e seus adversarios reclamam, então, a honra de tê-la descoberto".

Passemos a ventilar os pretensos males do materialismo científico.

Primeiramente estudemos a vida das grandes pensadores modernos, e que são autênticos materialistas, e

veremos uma existencia bill, autística, verdadeiros matizes da ciencia, realizando o pensamento do Ilustre matemático alemão Jacob "a ciencia tem por fim a glorificação do espirito humano".  
Contemplemos com profunda admiração o nome de Henri Poincaré, Gustavo Le Bon, L. Bachelier, E. Heeckel, F. le Daniec, e inúmeros outros materialistas.

Estudando a evolução das nações, vemos que começam pelas mais grosseiras superstições, nascidas de um conhecimento insufficiente ou nulo das leis naturais, elevam-se daí até a ciencia, destinada a substituir e a tornar superflua, no futuro, qualquer religião.

Obedecendo a esta evolução, vemos a tendéncia do ensino actual para tornar a Escola Inexpugnavel a todas as idéas metafisicas.

A educação deve ter por base a ciencia e não a fé. Na escola primitiva as religioes devem ser ensinadas apenas sob a forma historica e como exposição científica dos diversos sistemas religiosos entre os homens.

O materialismo científico não é reponsavel pela immoralidade, como querem alguns.

Compete aos poderes públicos zelar pelo aperfeiçoamento moral dos povos, creando um ambiente de paz, moralidade e prosperidade pela cultura civica, que traz, como salutaras consequencias, o respeito á lei e faz mais intenso o amor á humanidade.

A escola, em todos os seus graus, compete o desenvolvimento moral de nossa Pátria, mas, este não poderá ser conseguido quando não máis imperar o dominio do pistólio, da coia e do exame por decréto, o que não se consegue por reforma absurda que têm por finalidade a evidéncia politica dos reformadores, oprimindo a classe estudantina.

Falando-se no processo de promoção pelo exame ouçamos o eminente professor Afranio Peixoto em sua "Noções de História da Educação".

"Foi a China quem tégou ao mundo este maleficio. E porque os Chins faziam exame para escolher distinguir, nós o fazemos para promover, chegando até a esculdar apenas para fazer exames, e no Brasil, até a perversão inconcebivel em qualquer outro povo, passado ou presente, de se decretar o exame sem o estudo".

A salvaguarda do homem o bem-estar dos seus filhos, está na moralidade dos dirgentes e na educação da mocidade e isto não se consegue fundando seitas, fazendo passatras pelas ruas ostentando

Causado. E essa necessidade de sumir.

E esse enjôo depois da posse.  
Nada mais que ler. Nada mais.  
A carne abafa o espirito.  
A noite é banha e longa.

Vamos reler.

Os passos moles do sapato azul pontillham a escuridão.

A quantos leitros correto.

pra obter o relógio platina?

A carne abafa o espirito

e essa noite é longa e banha.

Fox-Journal levou-me daqui

desses livros desse aborrecimento,

para ésses trechos que a censura cortou porque a multidão tinha salido das minas.

alberto hecksher

## a mentira que havia em você...

Você...

Que eu julgava única... que me parecia ser a ultima verdadeira mulher sobre a terra... A mulher como sempre a sonhei.

Você é um desengano...

Você é igual as outras... E vulgar, porque nante...

Porque menti, digo melhor...

porque ha de mentir sempre...

Enquanto a mentira pertencer ao género feminino...

A sua mentira nem ao menos foi original... Têve o mesmo inicio e o mesmo desfecho de todas... A mesma esbécia...

Você disse a mentira de todas, de modo igual ao que todas a dizem...

Eu hoje me horrorizo... So de pensar que tonel por mentirosos os que me contaram a verdade sobre você... E os que me mostraram que o seu amor "todo diferente" como você o chamava, era de fato diferente... Mas, do que você me fazia acreditar que elle delto amor, porque não havia di-

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

gênero feminino...

N. R. — Demonstrando o quanto repercutiu em nosso meio este dardinho o artigo que presentemente reitamos, temos em mão, ainda, a resposta, em forma de protesto, que nos mandou o nosso colega e amigo Sergio Frazão. Não a publicamos por absoluta falta de espaço

A cruz de seus braços ficou para outro. Menos feliz do que eu. Porque hoje, entm, eu sou feliz. A realidade está sendo melhor acompanhada do que, para mim, o foi você!

Você vulgar. Tão vulgar. Tão parecida com as outras todas. E eu que a julgava única. Eu que vi em você a mulher como sempre a sonhei. Que pena que você tivesse mentido! — Que desengano!

Aforçando-me. Cada vez que os seus labios tocavam os meus, mais um castro sangüneo ha ficando para traz na subida do meu Calvario amoroso. E eu iria por certo acabar crucificado na cruz de seus braços. A cruz que me la curvando pelo caminho adôrn. Com a corôla de espinhos de seus encantos traçoêlros.

Mas ainda em tempo, eu senti todo o artifício do sangue de seus bellos. Até a cor de seus labios era mentirosa. Tanto quanto era o que elles me diziam. Por felicidade os mastros sangüinos cham mancha de carmin. E assim puderem ser apagados. Delos só restam agora uns reflexos atrechosados. De saúde, talvez. — A gente sente saúde até do que nos fez sofrer.

Como a corôla de espinhos de seus encantos traçoêlros. Mas, felizmente para você, os seus bellos de sangue che-gavam a tempo de me dissipar a duvida. Entontecendo-me.

ferença entre elle e essas "palcozes" que nascem numa valsa e morrem com o balé. E' até bem possível que essas sejam mais sinceras... Pelo menos, não enganam por muito tempo. Houve momentos em que cheguei a duvidar. Mas, felizmente para você, os seus bellos de sangue che-gavam a tempo de me dissipar a duvida. Entontecendo-me.

# Sociais

FESTAS NO COLEGIO PEDRO II

Comemorando o seu primeiro aniversário o Academia de História fez realizar uma excelente festa lhero-musical

Incluida que foi a sessão pelo Dr. Raul Gabauglia, falou o Dr. Joaquina Serrano.

Usaram, ainda, da palavra, os Srs. Ascanio de Farias e Sergio Frazão, o primeiro, presidente da Academia.

A seguir, teve inicio a parte musical e declamativa, cujos adjuvados, Eros Volusia, Murilo Arrujo, Laura Oliveira, Ana Amelia, Belmira Frazão, Arnaldo Sarmento, Dora Cruz e Andrade e Maria Fonseca, dizem bem do seu esplendor.

A Academia de História, agradece o convite que lhe foi gentilmente enviado, os parabens do "vetor", não só pela passagem do seu 1.º aniversário, como pelo brilhantismo da sua comemoração.

## CONFERENCIAS

Com o verbo facil dos mestres e a elegancia que lhe é peculiar fez o Dr. Antenor Nescentes, no dia 8, no Instituto de Educacao, uma viagem conosco a Hollywood. Apresentou-nos, então, todo o cinema que lhe conheceu de perto desvendando os "trunç" cinematográficos. Ainda no 1.º E "vetor" se fez representar durante a festa lhero-musical realizada com o concurso do Colégio Militar, Pedro II, Faculdade de Direito, Medieha Gilnald Meyer, etc.

## FESTAS NO INSTITUTO DE EDUCACAO

A festa que se realizou no dia 12 do corrente no "Gymnasium" do Instituto de Educacao constituiu mais uma parida de elegancia, dessas paradas bonitas a que a cidade entregamos já se acostumou.

Fôl colossal e só. Não chegou? Não turbulho dos patres, lá estavam, o Heckerer, o Hamilton, o Arrujo Jorge, o Edmundo, o Alvaro, o Eugenio, o Palmeira, a Enelida, bonita como sempre, enfim, foi, em suma, formidavel o baile que a Inteligente e dinâmica Sita Honorina Santos Silva organizou e, para o qual, teve a gentileza de convidar "vetor".

Agradecemos a distincão e felicitamo-la pelo êxito.

## JORNALISMO

### ARAUTO

Apareceu mais um numero de Arauto que, como sempre, agradeceu em chelo a todo Pedro II que, certamente, o já felicitamo-lo na pessoa dos seus directores, Abramo A. Jaber e Julio P. Louzada.

*Teorema:* O dinheiro faz o amor.

1. *Demonstração:* Queremos demonstrar, em primeiro lugar, que um individuo A, que não tenha dinheiro, não pode casar com uma pequena B.

Esta demonstração comporta dois casos:

1.º caso: B — é uma pequena rica.

2.º caso: B — é uma pequena pobre.

No 1.º caso a demonstração reduz-se a um absurdo porque seria um caso verológico na sociedade ver-se uma moça rica casar com um rapaz pobre, por mais bonito que fosse. Seria isso inconcepivel com as exigencias do século.

No 2.º caso a demonstração é das mais banais. Ha sempre um "quid" nas pequenas pobres, que, hoje em dia, não finda nictelam os rapazes pobres, por mais honrados que eles sejam. A honriedade tem, para elas, outro significado. E os rapazes pobres constiuem e hão de constituir sempre, em coléas de amor, a classe dos revoltados.

2.º *Demonstração:* O rapaz A satisfeito pelo dinheiro é transformado em A'. 1.º é alinhado. Pode ser feito como forinhado. B ao inveter do demorrido anterior, porém alinhado pela beleza transformada em B'. Isto e B'inha mesmo.

Agora a demonstração é ultralógica.

Por mais alinhado que seja o rapaz, encontrando uma B'inha, não discute condições monetarias. A B'inha pobre também serve. Não acha voce?

E aqui a reciproca é mais do que verdadeira.

*Corollario:* A beleza só influencia no amor em igualdade de situação monetaria, o que é muito raro acontecer.

O amor varia na razão directa do dinheiro e inversa da beleza associada no dinheiro.

## PRONOME

Isis de Almeida e Francisco M. de Almeida fizeram circular mais um numero do velho e vitorioso "Pronome". Ao "Pronome" os parabens de "vetor".

## O SERÃO

Temos em mão mais um numero deste novo jornal. Bem laborado êle está, o que demonstra esforço da parte dos seus directores.

\* \* \*

Ao Arauto, Pronome e O Serão os agradecimentos de "vetor" pelo exemplar que nos enviaram.

Dentro da escuridão da noite, eu vi um vulto de mulher coberto de farrapos approximar-se do Homem; era velha, muito velha;

e magra; e feia. No íntimo encarquilhado trazia ainda sinais de recentes bofetadas.

Como eu, também o Homem, na escuridão da noite, viu tudo isso. A mulher approxinou-se, devagar; quis abraçar o Homem, que recuou atterro-lisado.

— Quem és, velha nojentia?

— Não te importa quem sou; é a ti que procuro; é a ti que deixo.

— Alasta-te, velha suja! — diz-me quem és!

De dentro dos farrapos, do corpo deformado e sujo, se evouava, miagre dos milagres!, um perfume suave e inebriante.

E ella falou:

— Sou mulher e tenho a idade do mundo; nascei jozem e bela e meu destino era ser assim até o dia em que o Homem não mais me desejasse;

e durante muitos anos. Ele me olhou; e me quis;

viu no lado de Abramo e Moises; de Josué e David;

e fui a favorita de Salomão; a inspiradora de todos os seus dias, e o Homem era feliz porque viavia comigo.

Um dia, há dois mil anos, passando pelas Indias, um moço me chamou: "vem e fica a meu lado até o dia de minha morte; serás a condutora dos meus gestos e o meu guia na terra;

eu sou Jesus Christo, o filho de Deus; feito Homem; quero que me acompanhes".

E fui com êle; e nunca o abandonei.

Desde então, eu conectei a envolver. Porque o Homem que perseguia Jesus, também me maltratou. Não mais me quis.

E quando o crucificaram estava com êle;

e me esbofetaram; e me esaterraram á face

Assim, venho rolando há dois mil anos, no turbilhão dos séculos!

E o Homem, sempre me escorregando como a uma leprosa, ou não tomando conhecimento de minha existência;

só raramente, um magistrado, ou juiz se compadrece, e apiedado me acolhe por minutos; ou horas, ou dias.

depois esquece e quando volta a me olhar, já muito tempo é passado.

Cuidam a me encontrar;

Pensou o Homem: "essa velha deve ser louca. Vou ensiná-la a escrupida".

(De um diário de viagem)

Deste cantinho quieto e solitário, donde se avista a vida longe, muito longe, semhante a um espectro do passado, é que hoje te escrevo. Não sei porque o faço, talvez, porque, contigo, posso desabafar, expandir. Iyremente, tudo o que me vai naíma a odiosa incertesa do que virá, o amargo sabor do que já passou.

Agora, desconheço-me tanto; não sou mais aquela criança que tudo ouvia com um eterno sorriso, e, para quem tudo era possível e facil de realizar.

E porque?

A causa unica que me faz viver neste misto de alegria e tristeza, é saber que vou partir.

Alegria? Sim, porque vou aprender, estudar, apenas olhando.

Viajando, vem-se os costumes, os países, as artes, o progresso e as pessoas.

Passa-se e nem um traço resta de nós, porque ninguém se occupa dos desconhecidos. Sentimo-nos, assim, tranquilos, talvez, mesmo, felizes.

Tristezza? sim, pois deixo meu belo país que amo tanto, meus hábitos, relações, amigos.

Amigos? Nem eu mesma sei se os tenho, e se os possuo, em breve me esquecerão; não ha que estranhar-se.

mas, é, apenas, a vida.

Não quero ficar triste, desejo gozar o belo sonho que acurriclo ha tanto, tanto tempo.

Adeus? Não, até a vista.

Disse o Homem:

— Chega-tes mais; quero ver-te bem perto.

Ela o fez;

e eu vi a mão do Homem levantarse, e se esbofichar de encontro á face da velha, com ruído, numa covarde e horrivel b'ri-tada.

E ella, a boca decontrada abertamente, num sorriso de piedade, não disse palavra.

e se afastou

Dentro da noite negra, o Homem, satisfeito, gritou ainda, zombando:

— Afinal, velha nojente e suja, quem és tu? Qual teu nome?

E lá de longe, a voz da velha feia, muito fraca, soluçou:

— Sou a Justiça, Homem.

Na escuridão da noite, então, eu vi um vulto de mulher, coberta de farrapos afastar-se do Homem; era velha, muito velha, e magra, e feia.

No rosto encarquilhado levava ainda sinais de bofetadas recebidas.

Já ninguém mais passava por ali. O lugar era êrmo e solitário e nada mais aquêlla fantástica vida.

Idiotra como todos os amantes, elle deixava levar pela beleza do ambiente e esquecia os seus deveres de homem. E para satisfazer a ella, pedia dar-lhe o que a sua condicão social não permitia e que elle explorava a supersticção e o medo dos homens em face da inquietude, do nada.

Quando o relógio batia meia-noite, elle saltava o muro do cemitério envolvido num lençol! Com um complemento a sua farda, levava adoida uma vela e uma caixa de fósforos. E já tinha o bastante para impunhar o terror e agir à vontade.

O coveiro, embora sendo o homem máquina que enterrava os finados e a felicidade de tanta gente com a pé da indifferença, esse também temia asombrosos. E, á noite, era o primeiro a trancalhar-se no seu casebre, erguido em meio da necrópole, para só sair d'all quando o primeiro ralo de sol penetrasse por qualquer buraco.

Valendo-se de tão propicia occasião, numa manhã louca, sedento de dinheiro, elle começava o serviço nocturno. O povo da vizinhança gritava-se de ouvir durante a noite, distinctamente, compassadamente, monotonamente, ligeiramente o bater d'êl um enxadr.

Quando, pela manhã, o coveiro percorria as sepulturas, sempre encontrava um completamente rexeitada, á terra revolvida e uma escaida ao lado.

### campeonato

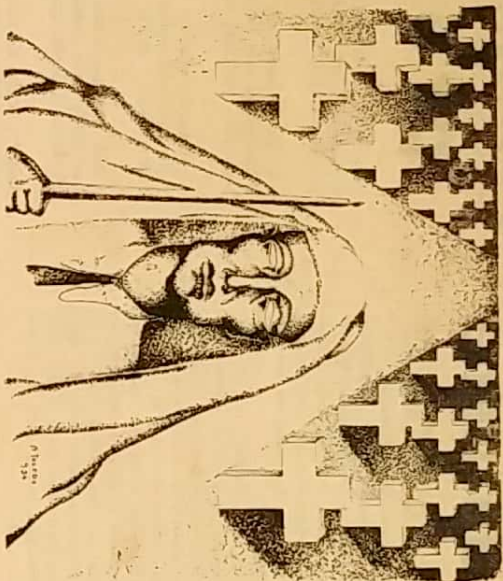
Foi um acontecimento esportivo a disputa, domingo, do final do campeonato colegial de atletismo de 1931.

Venceu-o, brilhantemente o Colégio Militar que apresentando uma equipe convenientemente preparada conseguiu arrebatar 161 pontos enquanto o Pedro II obtinha 114.

Foi uma vitória bonita embora a differença de pontos não o demonstrasse.

Os concorrentes agiram subordnando o entusiasmo á disciplina e souberam, deste modo, manter no campo da luta, essa coisa difficil para muita gente: educação esportiva.

Muito outra seria, entretanto, o resultado se não se tivesse realizado, na véspera da competição, a festa da Pena que, embora indiretamente, contribuiu para a derrota da camisa azul e branco. Diversos atletas estiveram dançando até bem tarde, o que descreveu a indispostão no dia do campeonato Assim



## O fantasma deilton carvalho

Então, na sua ignorancia, elle corria a buscar agua bentá, derramava algumas gotas no local, calçava-se para não macular a terra onde estivesse um ralo a buscar uma alma, arrumava tudo e guardava silencio.

Reverber a alquem o que elle presenciava seria o maior de todos os pedrados. Demais, elle temia o castigo da estridude.

E o fantasma continuava na sua busca noturna, collocando dentaduras, aneis, alianças, relógios e outros objectos.

E tudo isto lhe satisfazia a vontade louca de lhe dar tudo a quem elle adorava.

Um dia, confidencalmente revelou-lhe o alastro officio. Depois ella reapareceu de terror. Da villo procurou-a por toda a parte e não a encontrou.

O fantasma continuava na sua apurificação.

Uma noite, depois de ter saltado o muro, pela primeira vez, pôs que tudo já havia sido explorado, ella decidiu-se a voltar uma sepultura pobre, modesta. E começou a cavilha.

A terra, que (a) tirando, posta a margem já fazia um monte bem regular, quando elle sentiu alguma coisa de duro. Era a laboa do calçado que apparecia. Mita algumas excaudas e elle saltou no buraco, como umbró que desse sobre a carnica, na ansia inscmitida de saciar a fome.

Já assim, mais uma vez, perturbar na placidez do sono eterno quem descançava do pesadido da vida. Mas ao levantar a tampa do calção elle parou estatico. Um ralo de lha revelou-lhe o rosto deita mais lindo na morte do que em vida. Os olhos firos no cadáver semi-carcomido, como que atraído por um imann poderoso, sua cabeça foi se curvando, foi se curvando, até que seus labios tocaram-lhe na fronte fria e gelada. Louco de dor, contempion-a por alguns instantes, depois beijou-a, beijou-a, e calulhe sobre o corpo. Al adormeceu.

Quando, no dia seguinte, na sua ronda matutina, o coveiro passou pelo local e viu violada aquella sepultura, aproximou-se, olhou para o buraco e viu, lá no fundo, dois corpos unidos: o dele e o deita. Com médo que alguém soubesse do acontecido, foi derramando terra sobre os dois. Depois, petrificado, ficou contemplando a sepultura. A terra começou a se remexer. Os olhos esbugalhados, elle ficou olhando, olhando e rindo. Depois, virou desesperadamente o rosto e saiu correndo, correndo e gritando: o fantasma deilton o fantasma.

E até hoje ninguém soube do fim da assombração.

# esportes atletismo

- 1.º — Juvenal Chaves (C. M.)
  - 2.º — Dalmeida Barros (C. M.)
  - 3.º — Edelmar Monteiro (C. P. II)
  - 4.º — Wilson França (C. P. II)
  - 5.º — René Sourbeck (Escola Alemã S. Paulo)
- Salto em extensão
- 1.º — Anibal Rebelo (C. M.) 6,46 mts. (record anterior: 6,32 mts.)
  - 2.º — Francisco Ineco (P. II) 6,42 mts.
  - 3.º — Darci A. de Souza (C. M.) 6,19 mts.
  - 4.º — Manoel Sotexas (C. M.) 6,08 mts.
  - 5.º — Jivalva Chaves (C. M.) 5,92 mts.
  - 6.º — Alcir Leão Bulheiro (P. II) 5,82 mts.

### colegial

- Arremesso do peso (7 quilos)
- 1.º — Fernando Bastos (C. M.) 12,23 ms.
  - 2.º — Dirceu Campos (P. II) 11,36 ms.
  - 3.º — Olvívia de Matos (P. II) 9,85 ms.
  - 4.º — Moacyr Pinheiro (P. II) 9,77 ms.
  - 5.º — Bizzarri Armando (C. M.) 9,77 ms.
  - 6.º — Jofre N. de Melo (C. M.) 9,67 ms.
- 300 Metros
- 1.º — Hamilton Belfort (C. M.) O cronometro falhou.
  - 2.º — Paulo Reis (P. II)
  - 3.º — Mozer Leanos (C. M.)
  - 2.º preliminar:
  - 1.º — Miguel Lima (P. II) 42" 2/5
  - 2.º — Nilson Pereira (C. M.)
  - 3.º — Mario M. Liberato (C. M.), final.

(conclue na pág. 8)

## a festa da pena

J. G. CARDOSO

# profissão

Fala PENA 3, transmitindo a partida...  
E o garbado, bebe com ardor as palavras,  
pensando na carreira a seguir.

Ah! si eu fosse um grande jogador,  
a manezinha não estaria enferma,  
nem éle vendendo amendoim.

Literatura, ciência. Não conhece.  
Sabe somente, tomar' trazeira nos bondes,  
fazer trocos e gritar: "amendoim torradinho".

Cada dia ganha um tostão  
que junta para comprar uma bôla.  
Pensa no dinheiro que recebe um jogador.

Goali! Acaba de ser consignado,  
berra o rido ensurdecedor.

Dobrando a esquina o vendedor,  
grita monotonamente: "Amendoim torradinho".

Ha muita gente que critica o militarismo cientifico do século XX apontando como ineficazmente a queda atrozista da honra, alegando que, levados no turbilhão de ideias novas éle se esquece de cultivar o apelo, a veneranda e a bondade.

Seria bom que esses "doutores" comparecessem a festa da pena. Pedia, eles veriam que essa moedinha de celta que sairá este ano desta Casa, ja sente a saudade desta despedida, ja preve a dor da separação.

Foi num momento de grande felicidade que os habitantes de 1934 li-

veram a lembrança de deixar gravada, em letreiros os collegas que aqui foram, uma adeo recordação.

Inauguraram, assim, uma solenidade que se deveria repetir todos os anos e para toda existencia do Collegio de Pedro II e seria o êto de todas as gerações que passaram por este Collegio.

Poranto, "vetor" felicitou o grupo pela realização de tão bela e significativa homenagem, desejando, que a turma que hoje a recebe, transmita, juntamente com as suas despedidas ao Collegio, o abraço dos bachareis de 34 para manivisar a saudade que eles sentirão fora daqui; transmitam o adeus fraternal acerca tradições e idéas prelo bonito dessas coisas, mais bonitas ainda que se chama "amor".

As danças foram iniciadas às 10 horas, interrompendo-se à meia noite para a solenidade da entrega da Pena simbólica.

**“ V E T O R ”**

do estudante pelo estudante para o estudante direção: elton carrvalho, antonio moreira, romieu thomé

Correspondentes: Internato: angusto portugal (colaboração) Iradya (vendias)

1. de educação honoraria santos silva

Externato: as colaborações devem ser entregues ao rumen, na portaria.

Falou neste momento o sexto-tenente Acélio de Freitas oferecendo a Pena e, em seguida, o quintanista Julio Louzada, em agradecimento. Continuaram as danças que se prolongaram até as 3 horas. Es-tavam presentes o Profr. Antenor Nascimentos, Raul Gabaglia, Roberto Azevedo, todo o "time" do andar, os literatos, jornalistas e alguns alu-

## esportes

(continuação da pag. 7)

1.º — Hamilton Belfort. O cronometro falhou.

2.º — Nilton Pereira (C. M.).  
3.º — Moaz Lemus (C. M.).  
4.º — Miguel Lima (P. II).  
5.º — Mario Marques Liberato (C. M.).

### Arremesso do disco

1.º — Hugo Ineco (P. II) 32,71 ms.  
2.º — Olyeto Marques (P. II) 29,41 ms.

3.º — Armando Bezerra (C. M.) 28,06 ms.  
4.º — Arnaldo Dias (C. M.) 27,34 ms.  
5.º — Miguel Sana (P. II).

### 100 Metros

1.º preliminar:  
1.º — Mano D. Selsas (C. M.) 11" 4/10

2.º — Alcir Balcetro (C. P. II) 2.º preliminar:  
1.º — Anibal Rebelo (C. M.) 11" 7/10.

2.º — Mario Palmeira (P. II)  
3.º — Djalmá Barroso (C. M.).  
Final:  
1.º — Mano D. Selsas (C. M.) 11" 4/10.

2.º — Palmeira (P. II).  
3.º — Alcir Balcetro (P. II).  
4.º — Anibal Rebelo (C. M.).  
5.º — Carlos Daniel Deus (P. II)  
6.º — Djalmá Barros (C. M.).

Salto em altura  
1.º — Darcl A. Souza (C. M.) 1,63 ms.

2.º — Raul Carnaluba (C. M.) 1,60 ms.  
3.º — Paulo Azevedo (P. II) 1,57 ms.

4.º — Cláudio Cardoso (C. M.) 1,53 ms.

1.º — Renato Bastos (C. M.) 46,14 ms.  
2.º — Jofre de Melo (C. M.) 40,65 ms.  
3.º — Dirceu de Campos (P. II) 38,55 ms.  
4.º — Djalmá Barros (C. M.) 34,97 ms.  
5.º — Miguel Lima (P. II) 34,24 ms.

6.º — René Sourbeck (C. Alemão de S. Paulo) 32,80 ms.

### CLASSIFICAÇÃO FINAL

1.º — Colégio Militar 161 pts.  
2.º — Colégio Pedro II 114 pts.  
3.º — Colégio São Bento 3 pts.  
4.º — Colégio Alemão de São Paulo 2 pts.

# Antes

## de comprar sua casa,

### procure

a

# Cia. Brasileira de Terrenos

Rosario, 139

3-3970



## O velho noel

a casa  
abandonada...

Vespero de Natal.

A cidade festejava a passagem suave do Nazareno entre os homens. Nas ruas o movimento era intenso.

Ao cair da noite, quasi todos caminhavam, apressados carregando embrulhos complicados; e os que regressavam ao lar, com as mãos vazias, apresentavam, tal aspielo de desolagão, que pareciam succumbidos no peso duma grande desgraça. As casas de brinquedos estavam repletas de pessoas que compravam canibões, aeroplanoes, navios de guerra, fortalezas, exércitos de chumbo, espadas, flechas, garças, revólveres, arcos e flechas, bombas, uniformes de soldados, tudo folmente, de brinquedo, mas excelente para estimular no futuro as tendências pacifistas das crianças.

Um sujeito, ao ventar fugir com um cavallo de pau, foi surpreendido pelos empregados duma casa da rua Sete que o subjugaram na calçada e, aprehendido o objecto, entregaram-no á policia. Sobre-se, depois, que era um "mala-moqueiros" que, despertado por não poder cumprir um brinquedo para o filho, recorreu, em má hora, ao furto.

Nanquela mesma noite, no interior duma casa de habitação colévia, um interessante menino de 8 anos, conversando com a sua mãe, vestia a camisola para deitar-se. Não havia naquele quarto, rampas, castanhas ou qualquer dessas utilidades proprias para os festejos do Natal.

Sobre uma mesa toca de pau, sem toalha, tinham-se duas chicanas sujas e restos de pão. No centro da mesa estava um litro vazio de leite. Fora toda a comsoda dos mordedores daquele quarto.

O menino, que se preparava para dormir, conversava, entretanto, com a sua mamãe:

— Ele virá aqui hoje? Porque não vem mais, depois que o papai morreu?

— Papai Noel distribuirá brin-

quedos para todos os meninos; meu filho.

— Como pôde estar ele em tantos lugares diferentes ao mesmo tempo?

— Papai Noel é muito poderoso, por isso pôde estar em toda a parte ao mesmo tempo.

— Mas porque não me vem vêr? Da outra vez deixei os meus sapatos á porta e ele nem passou por aqui.

— Escuta, queridinho, como são muitas as crianças que desejam brinquedos, Papai Noel envia tudo de felicidade daquelas que não pôde visitar. Se não encontrares nada, amanha, no teu sapatinho, é porque, ao invéz de brinquedos, ele te mandará muita saúde para o ano que vem.

— Oh! Eu prefiro os brinquedos!

— A saúde vale muito mais, meu querido. Vamos deita-te e dorme. O menino deitou-se um tanto irritado. A mãe cobriu-o carinhosamente com a colcha, onde se viam alguns buracos.

Ele tornou a falar:

— Este Papai Noel não é nada direito, só visita as crianças ricas. Aposto como dadi, ao Anjano, que é rico, um sacco cheio de brinquedos.

Não falte assim, meu Alho.

Dorme.

O menino adormeceu. A noite toda sonhou com um velho, de longas e espessas barbas brancas, que lhe dava, os mais exquisitos brinquedos; e, a noite toda, teve um sono agitado, acalmado-se, apenas quando a sua boa mamãe acariciava a sua cabeceinha inquieta.

Na manhã seguinte o menino levantou-se atvoroçado e correu até á porta, onde deixara os seus sapatinhos róticos. A mãe acompanhou-o com um olhar atilho, imovel no meio do quarto, sem coragem para detê-lo. Doloresa surpresa o aguardava; os seus sapatinhos ali estava, como na vesperta, vazios, terrivelmente vazios, mostrando, apenas, a sola, e o outro' gastos. Alguns segundos a criança ficou como que paralisada, logo se voltou para a mãe:

— Ve, mamãe, o que ele fez? Não lhe disse que o velho Noel é injusto e só dá brinquedos aos meninos ricos?

Os seus labios contrahram-se ligeiramente e começou a chorar. De fóra, pela janela aberta, chegava até o aposento a ruidosa alegria das crianças da vizinhança, com as quais o velho Noel fora, varias vezes, generoso.

Abro a janela de minha alma e espio:

— tudo é negro... é completa a escuridão...

Neste extranho lugar, triste e vasto, hoje, mora somente a solidão...

Há teias de um passado em cada canto,

e a poeira de um amor veste o chão...

— são sombrias as salas, — velho encanto

há neste feio e escuro casarão...

Uma ruina, em meu peito, abandonada,

com muros desbotados, cheios de hera,

como um túmulo á beira de uma estrada

que nada mais desta existência espera...

O tempo, pouco a pouco, já a consome,

— outórra, por exemplo, havia um nome de mulher, no portal, mas se apagou...

Quantos homens como eu, na alma fechada,

vão levando uma casa abandonada

de onde alguém que partiu não mais voltou!...



Fortalece  
o  
Cerebro

Para as pessoas que trabalham mentalmente  
TODDY proporciona mais vigor mental sem  
sobre-carregar  
o estomago.

**TODDY**

Nutre, fortalece e vigoriza

Fabricas em 19 países inclusive no Brasil

**SANTELMO**

O rei dos sabonetes.

**SANTELMO**

O sabonete do esbanife.



## um canto de bom humor

Depois de se ouvir a campainha velha em silêncio, o juiz levantou-se e deu a palavra ao promotor. Ia começar a sessão.

E ele assim falou: — Senhores jurados! Não poderia a justiça deixar impune um homem que incarnava a mais monstruosa das criaturas da espécie humana. Ele representava o mais fantástico assassino que o cérebro de Nick Carter poderia ter imaginado.

E este homem, senhores jurados, que é o maior de quantos criminosos têm vindo à barra deste Tribunal, este homem, vós o tendes aqui.

Todos os olhares convergiram para o banco dos réus. O acusado, no entanto, desafiava a justiça com um tremendo e sinistro sorriso homicida. E, com uma impossibilidade de louco, percorria a assistência enquanto o promotor assim arremetava a sua acusação:

— Portanto, senhores jurados, certo de que os vossos sentimentos humanitários estão solidários com o meu, eu peço para o réu a pena aplicável nos casos de homicídio. Terminada que foi a acusação, levantou-se o juiz e deu a palavra ao advogado de defesa.

E então apareceu na tribuna o branco de uma barra, respalta-

**marcus são paulo**

### conversando com teu retrato

[poesia em prosa]

...se os teus purpúreos lábios sorridentes, tivesses, pelo menos, um sabor idêntico ao que colhi n'aqueles de quem és imagem, eu não estaria agora a contemplar-te exaltado, nessa nudez com que me fitas satisfeito...

eu já teria mesmo ha muito tempo, ao te levar ao pobre corcêlo insólito, unido os lábios meus à tua boca, numa frequência de amor, imenso e insatisfeito... e sorveria, nesse meu bello de amor, o grande amor que a tua boca encerra...

mas, eis a realidade que me aterral... tu és apenas, da mulher que adoro, um simples vilão extático e andador... teus olhos têm o mesmo brilho, teu rosto o mesmo encanto, mas tua boca não possui o mesmo mel...

e, se eu ouzasse, avido de andar cobrir de óculos beljos tua boca rubida, eu sei que encontraria apenas, em teus lábios, o insipido sabor da folha de papel.

La falar em defesa do réu, o mais conceituado consúlcio da região.

Reinou, por alguns segundos, um silêncio maciço, mas logo se fez ouvir, vibrando pelo espaço, a voz que tantas vezes havia salido vitoriosa.

— Senhores jurados! Não seria en quem viria macular esta tribuna defendendo o autor do mais hediondo de todos os crimes de que tem lembrança a História, não seria eu quem viria para esta casa de onde se tem proferido as mais sébias sentenças, pedir clemência para esse homem que de humano para tem a forma.

O réu transfigurou-se. Já não balava mais nos seus lábios aquele sorriso sarcástico, mas os seus olhos oxpediam chispas de odio para toda a assistência. E ninguém comprehendia o imprevisível da cena.

O velho continuava, entretanto, — Aplicar a esse miserável a pena pedida pelo promotor, seria a mais calumniosa das vossas sentenças. Ele merece muito mais!

A pena de morte para esse covarde que ai vedes, senhores jurados, seria iníqua diante do negror do seu crime e o nosso código não o prevê porque jámais alguém poderia admitir que quem tivesse um coração como nós o temos perpetrasse e realizasse, na calada da noite, esse atentado descredulador da existência da minha, parecia de altruísmo num "espeçimen" humano.

Mas, senhores jurados, vós todos tendes ou tivestes mãe e abels da grandeza de amor que resume o seu corcêlo. Pois ele tambem tem mãe!

E é para a magnanimidade deste corcêlo, para a sublimidade do seu (conclue na pag. 13)

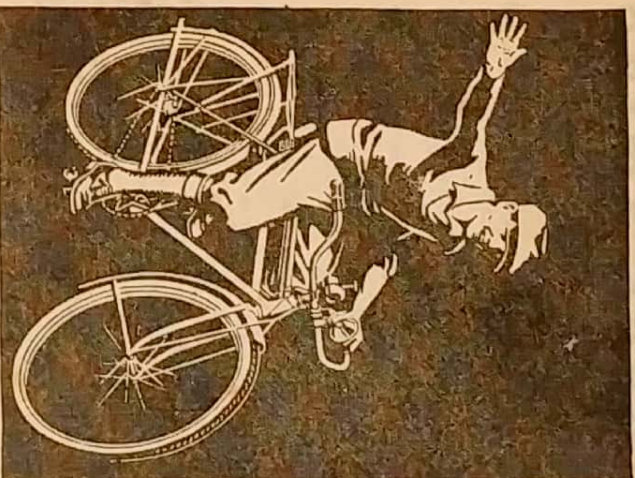
**raja gabaglia**

### ao «vetor»

A imprensa estudiantina entrecuece-se com mais um periodico: o *Vetor*.

Na nossa Casa, de tão fulgidas tradições e onde a esperança de dias sempre melhores mantem um constante idealismo, os professores folgam com as manifestações culturais de seus discipulos. Assim, aplausos á actividade intelectual dos alunos do Pedro II. Exprimto todo o meu contentamento augurando ao *Vetor* prosperidade e triunfo.

Que ventos galvemos levem a bom porto o novo orgão!



## O sport ideal!

Uma bicycleta é a companheira indispensavel para o estudante nos dias de folga, nas férias nos dias de "parade"...

Com a insignificante importancia de 26\$000 mensaes o leilor pôde adquirir em nossa câsa uma bicycleta a prestações.

Deça-nos catalogos e demais informações em nossa secção de bicycletas que leremos prazer em indicar-lhe o typo e modelo que lhe convém.

Sociedade Anonyma Brasileira  
Estabs. MESTRE e BLATGE

Rua do Passelo, 48 a 54

# cinema

Não se compreende a vida moderna sem o cinema e o rádio. E veíor, sendo "um jornal novo", não poderia faltar ao cumprimento dessa necessidade impelto.

E nos dizemos: talvez não se possa compreender a vida moderna sem o cinema mas o que não se pôde conceber é a vida estudantina sem uma parede para ver o Bing Crosby ou o Dick Powell. O estudante se acha intimamente ligado aos astros de Hollywood.

E, assim, incluíamos uma seção de cinema que apresentará alguma coisa interessante de Hollywood que não apareça na tela.

## MARGARET SULLIVAN FOGUE TODAS AS VEZES QUE TEM UMA ESTRELA

Margaret Sullivan não dá para profeta, pois sempre têm falhado as suas predições. Quando appareceu em "Nos e o Destino" nos EU, UT, ela garantiu antes do filme estragar, que estava horrível neste filme. Todos sabem o sucesso que ela foi neste filme, e a maravilha que foi o proprio filme.

Agora vem "Vale a pena viver?" (Little man, What Now?) no qual ella é estrelada. Mal tinham as camaras acabado de filmar a ultima cena Margaret pegou um avião e partiu para New York fugindo para um esconderijo qualquer. Esta original estrela mais uma vez francamente declarou do seu esconderijo que "Vale a pena viver?" era peor do que "Nos e o Destino" e que ella estava peor neste filme do que no outro. Isso apesar de todos os criticos dos EU, UT receberem os mais entusiasticos elogios.

Após esta afirmativa de Margaret o público já sabe que pôde contar com uma obra prima de inegualavel valor artistico, e que o "técnico profeta" Margaret Sullivan mais uma vez errou, sendo pois esperado, um successo universal para este filme.

Pel nos seus habitos, Margaret Sullivan não será encontrada em parte alguma quando "Vale a pena viver?" estreiar, como fez com "Nos e o Destino" quando este filme estava alcançando formidavel successo no Music Hall de New York. Margaret desta vez não ficara nos EU, UT, foi para a Inglaterra, onde pretende passar de bicicleta, e daí tomar um navio e se esconder na França.

Ao chegar á Inglaterra onde ella esperava não ser conhecida, ficou desorientada pois ali ella é tão conhecida e querida como nos EU, UT e no mundo inteiro onde "Nos e o Destino" esteve em exhibição.

"Vale a pena viver?" como todos devem saber é extrahido da novela de Hans Fallada, e foi publicado no Brasil pela Livraria Globo com o título de "E, agora seu moço?". O escritor deste livro não é muito conhecido mas o successo de seu livro é um dos maiores acontecimentos litterarios do mundo, tornando-se um motivo de justa e inesperada "chance" para os editores, como foi o livro "Nada de novo na frente occidental" também filmado pela Universal. O livro de Hans Fallada foi traduzido para nove linguas e nos Estados Unidos vendeu onze edições de 100 000 cada uma.

Douglas Montgomery desempenha neste filme a parte principal masculina a do "Little Man". Não tendo feito como Margaret Sullivan, evitou de dar um parecer errado, silenciando sobre o seu desempenho; mas, ao que sabemos, é de inteira satisfação de Frank Borzage o diretor do filme, e de todos os directores do studio da Universal que viram as primeiras cenas filmadas. Alem dele estão extraordinarios no seu desempenho os seguintes artistas: Alan Hale, Catherine Doucet, Dewitt Jennings, Bodil Rosing, Mireel Urikland, Hedda Hopper, Fred Kohler, Mae Marsh, e uma infinidade de actores de nomeada que tomam parte neste grandioso filme que teve o apraqueo cinematográfica de William Anthony McGuire.

## OS PSEUDO-ESTUDANTES

E' um fâto profundamente lamentavel o mau comportamento de alguns cavalheiros que se atriuem á classe estudantina para as familias estão prevenidas contra as sessões de 2 horas das segundas-feiras, pílherias de mau gosto, obscenidades, enfim tudo apparece nestas sessões para depôr centrir a nossa civilisação. O calundante com a cultura que possui e a educação fina, que certamente dará ao filho um pai que percebe a necessidade de ministrar-lhe ensinamentos, seria incapaz de promover aquellas cenas desabonadoras da nossa classe. Veíor apela da qual para os estudantes afirm de que replam energeticamente os parastias ignorantes que se escondem sob o seu manto.

Se lhe fosse possível não restituiria á vista o um cego? Pois os analphabetos tambem são cegos, e voce pôde muito bem operar assimilgre tirando-os da requebra.

PRINCEZA EM APUROS  
GLORIA STUART e LEE TRACY em  
banca com GLORIA STUART  
No REX A 3 de Setembro

## um canto de bom humor

(conclusão da pág. 12)

amoz' que eu peço a vossa compiacencia.

Para vos e para a sociedade, "é o assassino covarde, mas, para ella, que lhe deu a vida, elle será para todo o sempre, ainda que lhe queiramos negar este direito, o filho idolatrado, a sintese das suas alegrias.

E depois que a justiça o reclinou, ella, visivelmente abalada, chorou nolle e dia. Portanto, senhores jurados, estais no mais doloroso dos dilemas: se o condemnades seréis tambem assassinos porque ella não resistira á grandiosidade da dor e, se o não condemnardes, tereis deixado um assassino no convívio dos homens, mas um assassino que é um ser inofensivo porque a luz moral o abateu para a vida. Se o condemnardes, le eis condemnado um trapo humano.

Pois é para esse trapo que eu peço a vossa clemencia.

Terminada a defesa, a assistencia, suspensa pelo seu brilhantismo, aguardava impacientemente o "desideratum" do juiz, enquanto elle, o réu, os olhos cheios de lagrimas esperava que se decidisse sobre o seu destino.

Ouviu-se então a voz do juiz que annunciava a absolvição do réu. Neste momento vários amigos do advogado correram a abraçá-lo pela esplendida victoria conseguida, quando, um deles ainda emocionado lembrou-lhe — e agora, hein, como a velhinha ficará contente! — Que velhinha, perguntou-lhe o advogado?

— A mãe do réu, respondeu-lhe o outro.  
E diante do espanto de todos o velho sacerdote retorquiu: Ora, essa é boa! Sei lá se elle tem mãe.

## a lenda da montanha

daniel thebano

## f r i v o l i d a d e s

(Impressões de Lisboa em 1919)

(conclusão da pág. 1)

— Ah! lá fadão, (2) — respondeu prontamente o moço.

Torrão o rei, depois de se fazer silêncio na sala.

O moço olhou para fora, por mais alguns momentos, e começou: — "Há duzentos anos atrás, em aquella montanha muito menor, o mais verde que todas as outras desta cidade. As árvores mais cobriças de todo o reino all cresciam. E no monte Saher, (1), como se chamava, exuberante de vida, não habiavam animais ferozes, nem faziam ninho as aves de rapina."

— Rel generoso! Não vos pesa-rel e a vossa nobre companhia com muitas palhavas. Venho pedi-vos tão só, que reitrelis do governo de Mar Habá, onde vivo, o homem que, em vosso nome, — o rei Justiceiro! — tem cometido as maiores atrocidades contra o povo, dando motivo a que dele vos amaldiçõe, por vos julgar culpado.

Por toda a sala correu um murmurio de indignação. Aquelle maltrapilho audacioso abusava da proverbial bondade do monarca!

So este sorriu, complacente.

— Quem és tu, apilho, perguntou, — para reclamar tal cousa? Apesar de demonstrares intelligencia e onasada, tens traljos dizem que não és homem para tal missão.

— Rel Justo! Assim estou, por-que, como já vos disse, andei durante tres dias e tres noites para aqui chegar. Mas, não me julgais pela roupa! — o monarca! — pois muitos ladrões se escondem sob ricas vestes para melhor poderem roubar. (O arredador de impostos e alguns nobres empalideceram.) Assim, como me vedes, sou um moço que trabalha. E talvez, seja eu o unico homem, em vosso reino, com tal proffisso.

Um dos videntes chegou-se ao rei e murmurou:

— Talvez, Senhor, tudo não passe de falsidade! Esse moço me parece um vagabundo, um jovem que não trabalha... Convém ter cuidado, ó rei!

Tomado de viva curiosidade pelo caso, dirigiu-se o rei.

— Rel generoso! — respondeu o jovem, — vos me promettestes um cargo de prestigio nesta terra. Não o desajo. Quero somente, em troca da lenda, que tireis de Mar Habá esse Urrano Yusuf, governador em vosso nome e a quem o povo chama "el hukem cassi". (3)

— Não queres pouco, — por Ahá! Mas, — continuou o rei, — se a lenda agrada'r, não só Yusuf deixará de governar, como tu irás occupar-lhe o lugar.

Depressa, porém, que pensaste muito!

- (2) Deus esteja convoso.  
(3) O governador perverso

alguns momentos, e começou:

"Há duzentos anos atrás, em aquella montanha muito menor, o mais verde que todas as outras desta cidade. As árvores mais cobriças de todo o reino all cresciam. E no monte Saher, (1), como se chamava, exuberante de vida, não habiavam animais ferozes, nem faziam ninho as aves de rapina."

Um movimento de curiosidade esboçou-se em toda a sala. Todos se espatarraram com a linguagem facil e limpa do moço, que continuou:

"A paz que all reinava em um verdadetro contraste com a agitação que, nesse tempo, dominava toda Méca. Foi quando Masomé, o profeta, começou a provocar a ira deste povo.

"Ora, quando Mohamed para fugir á ira dos Coruchitas, se retirava daqui, leve uma visão, em que Ahá lhe ordenava refugiar-se por alguns momentos na primeira caverna que encontrasse no monte Saher, pois all encontraria alimmentos para a sua jornada ate Yatrib (2).

"Ahá, o infinito, disse mais: "Logo que o atravessares, a montanha se tornará três vezes maior que a meaquita de Méca, para avisar gens habitantes que dentro de tres vezes tres anos, tu voltarás para submete-los á verdade (3) E onde pisares, na fuga, — o profeta, que-rido! — a vegetação murchará, em sinal de tristeza. E morrerão todas as arvores, chorando. E depois que tudo desaparecer, marchó, a propria montanha se vestirá de luto; será tão negra como a pedra da Caaba. Vai, eu velarei por ti. Todo aquêle que te perseguir, morrerá no caminho; e seu corpo se há de transformar em pantera ou chival e viverá á base deste monte. E se alguém conseguír chegar ao cume, lá se transformará numa aguilha, e lá viverá para sempre. E todas as lindas aves e todos os mansos animais daqui se retirarão dentro em pouco, para viver longe de Méca!"

"Foi, pois, o rei generoso! — na hegrira, (4) que aquêle monte verde e pequeno se transformou em montanha negra, tres vezes maior que a mesquita de Méca. E

- (1) Saher — quer dizer *indulgido*  
(2) Yatrib — Média.  
(3) Historico: 9 anos depois da fuga, Masomé voltou e submeteu Méca a seu poder.  
(4) Fuga.

Já a janocha atracava, ao cels, quando, voltando-me, dei o titulo adeus ao meu amigo João, o telegraphista do "Avaré".

Campo Pequeno, fui ao Teatro D'Amelia, hoje da Republica. All fui, para render culto ao Brazão, este celebre ator português, que é, ao mesmo tempo, o *gentleman*, que todos nós conhecemos.

Após um guarda conduzi-a á Alfandega, por meio de um carrinho, e lá soffrer a amolção de uma hora e tanto, tomava eu um automovel e seguia em direção ao Hotel Metropolitan — na praça do Rocio.

No dia seguinte, a primeira cousa que procurei ver, como era natural, foram os restos mortais do grande PEDRO II na Igreja de São Vicente de Fora.

De sorte que estava eu na verilha e decahiada Lisboa que tom *quelque chose* de real e actual. Em verdade, Urrano-se da Capital Portuguesa a Praga do Rocio, a Avenida da Liberdade e mais umas, tanta ruas as casas são ve-lhas, empoeltradas, respirando-se burguesia e mófo.

Esse imperator, que soube ser magnânimo, era dotado, de um espirito de elle onde o pensador ás vezes dava lugar ao poeta, mandando o verso com uma maestría admirável. Mas, o que o caracterizava, sobre tudo, e acima de tudo, era a doçura, o carinho, o amor. O grande amor pela sua terra, e o seu povo, envolvendo-os numa bondade infinita, ate o perdão. Foi um justo e um bom.

A noite, depois de ter voltado de uma tradicional tourada no já sabeis as razões de viverem panteras á sua base, e no seu cimo, aves de rapina.

Formidavel "Eça de Queiroz", e para realisar tão feliz intento, perguntel á mais de dez portuguezes a sua localhação e não mo informaram (o que, me perdeo o povo amigo, e uma falta de amor ás suas glórias).

— Rel generoso e bom, se vos agrada'r a lenda!"

O moço não concluiu o pensamento, pois Aben el-fachid, o rei-sábio e justo, — que Ahá o guardel-já desceira de trono e o abraçava, elogiando-lhe o talento. Os nobres, todos, se aproximavam para melhor verem aquêle moço estarpapado e sujo que o rei cumprimentava. Os vizires, achavam-no um milagre!

O monarca, pedindo silêncio, perguntou:

— Como te chammas, jovem sabio e valoroso?"

— Abdul, foi a resposta.

— Abdul, foi a resposta.

— Pois bem; de agora em diante, serás, Abdul El-Fahim, (1) o meu governador!" em Mar Habá.

— Abdul, foi a resposta.

Foi assim que Abdul o moço pobre que inverteva lendas, como a da montanha negra, conseguiu livrar sua cidade de um governador mau, e fazer feliz á gente. Um dos milites atos "de justiça de Aben el-Raschid: o rei sabio e justo...

Neste mesmo dia, ás nove e pouco da noite, dava eu saudoso "Air rejoyt" á velha Lisboa.

- El amal facunha Ahá! (2)  
Masomé Racl, Jucl

Rio de Janeiro, 18-IX-1929

- (1) El-Fahim—O sabio, o inteligente  
(2) Espero que esteja com Deus!

A ginástica e a leitura são lizas, na finalidade: a ginástica educa o corpo e a leitura educa o espirito.

**Estimule seu filho, pela boa applicação nos estudos, dando-lhe como prêmio, um terreno no "Jardim Carioca", Ilha do Governador. — Prestações mensais desde 50\$000 e com direito a Sorteios de Quitação de 3 em 3 meses.**

Informações á TRAVESSA DO OLVIDOR N. 9 — 2.ª andar

Telefone 3-1529